

A ARGUMENTAÇÃO EM CAPAS DO JORNAL DE SANTA CATARINA: UMA ANÁLISE ENUNCIATIVA DA LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL

THE ARGUMENTATION IN JORNAL DE SANTA CATARINA NEWSPAPER COVERS: AN ENUNCIATIVE ANALYSIS OF THE VERBAL AND NON-VERBAL LANGUAGE

Belisa dos Santos¹

Otilia Lizete de Oliveira Martins Heinig²

Resumo: *O enunciado, segundo as teorias do círculo de Bakhtin, é de natureza social, é influenciado pelos outros e por seus dizeres e, por isso, não é neutro, sempre expressa uma posição axiológica. Além disso, o enunciado não compreende apenas a linguagem verbal, e sim um conjunto de elementos semióticos pelos quais o sujeito manifesta sua contrapalavra. Embasando-se nessa concepção, objetiva-se fazer, neste artigo, uma análise da argumentação presente em manchetes de capas do Jornal de Santa Catarina – veículo de circulação regional do Vale do Itajaí – SC. A escolha desse jornal deu-se pelo fato de ele ser veiculado na região onde vivem as autoras. Selecionaram-se cinco capas que mais chamaram a atenção das autoras, referentes aos meses de junho e julho do ano de 2012, e limitou-se a análise às manchetes relacionadas à fotografia principal da capa. Dessa maneira, à luz da teoria enunciativa bakhtiniana, pretende-se discutir o conceito de enunciado e trazer à tona outros conceitos adjacentes que estão presentes nas manchetes, observando o posicionamento e a argumentação do jornal, sua posição axiológica. Pelas análises, nota-se que o veículo de comunicação possui uma postura aparentemente neutra, mas que sutilmente entra em conflito com as ideologias oficiais, além de deixar claras as relações de alteridade com o leitor. Dessa forma, confirma-se que os enunciados expressam posições avaliativas e que são uma combinação de vozes sociais.*

Palavras-chave: Argumentação; análise enunciativa; capas de jornal.

Abstract: *The enunciation, according to the Bakhtin circle's theory, has a social nature, is influenced by the others and their speeches and, because of that, it is not neutral, it always expresses an axiological position. Beyond that, the enunciation does not comprise only the verbal language, but a set of semiotic elements whereby the subject manifests his counterword. Basing on this conception, the objective of this paper is to make an analysis of the argumentation presented in the covers of the Jornal de Santa Catarina newspaper – vehicle of regional circulation in the Itajaí Valley – SC. The choice of this newspaper happened because it circulates in the region where the authors of this paper live. It has been selected five covers that called the authors' attention, referring to the months of June and July of 2012, and it has limited the analysis to the headlines related to the main photography of the cover. Thus, basing on the enunciative theory of Bakhtin, it is intended to discuss the concept of enunciation and bring together another adjacent concepts that are presents in the headlines, observing the positioning and the argumentation of the newspaper, its axiological position. By the analysis, it is noticed that the newspaper has an apparently neutral stance, but subtly conflicts with the official ideologies, beyond making clear the alterity relations with the reader. Therefore, it is confirmed that the enunciations express evaluative positions and are a combination of social voices.*

Keywords: Argumentation; enunciative analysis; newspaper covers.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Regional de Blumenau (FURB). Blumenau, Brasil, e-mail: belisantos@live.com

² Professora titular da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Blumenau, Brasil, e-mail: otilia.heinig@gmail.com

1 Introdução

O conceito de enunciado, segundo a teoria enunciativa do círculo de Bakhtin, não compreende apenas a linguagem verbal, as palavras. Além disso, o enunciado não é considerado uma manifestação isolada e neutra de cada sujeito, mas sim um fenômeno social, influenciado pelos outros e sempre expressando uma posição avaliativa. Em virtude disso, optou-se por, neste artigo, analisar manchetes relacionadas à fotografia principal de capas de jornal, pois se buscava essa característica de linguagem verbal e não verbal na argumentação. Pesou também na escolha o fato de o jornal ser um veículo midiático que aborda assuntos de interesse coletivo, sobre os quais as opiniões são diversas.

As manchetes escolhidas foram do Jornal de Santa Catarina, veículo de circulação regional do Vale do Itajaí – SC. A escolha desse jornal deu-se pelo fato de ele ser veiculado na região onde vivem e estudam as autoras. Selecionaram-se, então, cinco capas que mais chamaram-lhe a atenção, referentes aos meses de junho e julho do ano de 2012 e limitou-se a análise às manchetes relacionadas à fotografia principal da capa.

A análise desse material foi realizada com embasamento nas obras do círculo de Bakhtin e de estudiosos dessas teorias, como Brait e Faraco. Optou-se por essa linha teórica, pois se segue aqui a concepção de linguagem como interação, de natureza social, como espaço de alteridade e dialogismo. Como o conceito de enunciado traz com ele outros conceitos, buscou-se, nessa análise, discuti-los também e observar a relação mútua entre eles, tendo em vista que não é possível falar de enunciado sem falar em ideologia, por exemplo. Dessa forma, o objeto central do artigo é o enunciado, mas abordar-se-ão, ainda, alguns conceitos intrínsecos a ele. Procurou-se, dessa maneira, observar a argumentação e a posição avaliativa do jornal de acordo com os elementos linguísticos e semióticos da manchete, como foto, título e legenda.

Antecedendo a análise, abre-se uma seção para esclarecer o conceito de enunciado, a fim de elucidar a concepção utilizada neste trabalho. Da mesma forma, apresentam-se outros conceitos como ideologia, diálogo, alteridade, esfera etc, para melhor situar o leitor na seção seguinte. Em seguida, parte-se para a análise do material e discussão teórica. Finalmente, tecem-se as considerações finais, discutindo os objetivos propostos no artigo e expondo algumas reflexões.

2 Os enunciados, os sujeitos, o meio social: buscando aproximações e compreensões

“O centro organizador de toda enunciação, de toda expressão, não é interior, mas exterior: está situado no meio social que envolve o indivíduo.”
(BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 125)

Conforme citado na introdução deste trabalho, segue-se aqui a concepção de linguagem como interação, de natureza social, dirigindo-se sempre a um outro. Isso vai ao encontro das ideias do círculo de Bakhtin, que enxerga a enunciação dessa forma, sempre perpassada pelos dizeres dos outros e dirigindo-se aos outros, e não algo individual, somente expressão do interior de cada indivíduo. O que se enuncia será sempre influenciado pelo lugar em que se está, pela situação, pelos interlocutores, pela posição que se ocupa naquele determinado momento. Caso não fosse assim, falar-se-ia da mesma maneira em diferentes situações, pois as pessoas apenas expressariam seus pensamentos sem levar em consideração o contexto no qual estariam inseridas. Segundo Bakhtin/Volochínov³ (2010, p. 129):

O processo da fala, compreendida no sentido amplo como processo de atividade de linguagem tanto exterior como interior, é ininterrupto, não tem começo nem fim. A enunciação realizada é como uma ilha emergindo de um oceano sem limites, o discurso interior. As dimensões e as formas dessa ilha são determinadas pela situação da enunciação e por *seu auditório* [grifo do autor]. A situação e o auditório obrigam o discurso interior a realizar-se em uma expressão exterior definida, que se insere diretamente no contexto não verbalizado da vida corrente, e nele se amplia *pela ação, pelo gesto* [grifo meu] ou pela resposta verbal dos outros participantes na situação de enunciação.

Ou seja, adequa-se o enunciado à situação social e à resposta dos interlocutores, o que torna cada enunciado único e irrepetível.

Além disso, os autores exemplificam nesse excerto que o enunciado não é necessariamente verbal. Um enunciado pode dar-se “pela ação, pelo gesto”. Pode-se concordar ou discordar do que o outro enuncia, mas essa concordância/discordância não se manifesta apenas através de palavras: pode ser através de um silêncio, de um sorriso, de uma risada, de um gesto de nervosismo etc. No caso de um jornal, o objeto de análise deste artigo,

³ Opta-se neste artigo por usar o nome dos dois autores, Bakhtin e Volochínov, pois a autoria da obra em questão é atribuída em alguns casos ao primeiro e em alguns casos ao último. Na edição utilizada aqui, a autoria é creditada aos dois. A ortografia dos nomes segue a que é apresentada no livro.

pode-se notar a posição avaliativa através de uma imagem, da disposição dos textos na página, de uma palavra em destaque. Todo esse contexto semiótico define as posições axiológicas do sujeito.

Arelado a essa ideia de posição avaliativa, tem-se o conceito de ideologia. “Para o Círculo, a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, *sempre ideológico*” (FARACO, 2009, p. 47, grifo do autor).

Entende-se por ideologia as posições assumidas e manifestadas pelos sujeitos, pelas diferentes vozes sociais, que refletem e refratam os posicionamentos do lugar que o indivíduo ocupa. Assim, surgem os conceitos de *ideologia oficial* e *ideologia do cotidiano*. A ideologia oficial está relacionada às esferas mais elaboradas da atividade humana (as artes, o direito, a filosofia, entre outros), em que essas ideologias se mantêm estáveis com mais facilidade, pois são vistas como um padrão. Já a ideologia do cotidiano compreende as atividades realizadas na vida cotidiana, em que as ideologias se misturam, entrecruzam-se, tornando-as mais flexíveis e muitas vezes distantes/divergentes da ideologia oficial. Desse modo, há em todo momento um conflito, uma tensão, uma luta entre as vozes, que expressam diferentes valores e podem ser a favor da ideologia oficial (forças centrípetas) ou ir contra ela (forças centrífugas). Essas vozes ecoam umas nas outras, refutam-se, complementam-se. Conforme Miotello (2012, p. 172):

E já que, por sua ubiquidade, [as palavras] se banham em todos os ambientes sociais, as palavras são tecidas por uma multidão de fios ideológicos, contraditórios entre si, pois frequentaram e se constituíram em todos os campos das relações e dos conflitos sociais. Dentro das palavras, em uma sociedade de classes, se dá discursivamente a luta de classes. O signo verbal não pode ter um único sentido, mas possui acentos ideológicos que seguem tendências diferentes, pois nunca consegue eliminar totalmente outras correntes ideológicas de dentro de si.

Essa é a diferença entre a concepção de língua e de enunciado: as palavras da língua, enquanto sistema, possuem significados encerrados em dicionários por convenções, enquanto em um enunciado o mesmo signo possui sentidos diferentes, pois reflete e refrata as ideologias, concorda com e discorda de outros enunciados, dirige-se a diferentes interlocutores. O mesmo signo, em situações distintas, adquire um sentido diferente, por isso cada enunciado é único. Na concepção de língua-sistema, entretanto, enxerga-se a língua

como gramática, restrita a regras e significados prontos, isolada do social. Porém, não há, para Bakhtin (2011, p. 265), um rompimento entre língua e enunciado, ambos complementam-se, pois “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que a realizam); é igualmente através de enunciados concretos que a vida entra na língua.”.

Há, em todo esse processo de enunciar, de expressar ideologias, a questão do diálogo e do dialogismo. Conforme citado anteriormente, a linguagem é um fenômeno social, no qual as vozes sociais se misturam, respondem umas às outras. Nesse sentido, a teoria bakhtiniana enxerga o diálogo com uma grande metáfora: opõe-se à palavra do outro uma *contrapalavra* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p.137). Contudo, nem sempre esse diálogo é face a face, de um indivíduo para o outro. Pode haver diálogo de uma pessoa com ela mesma, ao refletir sobre alguma questão; ou diálogo na leitura de uma obra, ao concordar ou discordar do autor e assim formular “novos”⁴ pensamentos. Nesse grande diálogo, há sempre a participação do outro, vozes sociais ecoando umas nas outras. Isso caracteriza o dialogismo, essa conversa entre enunciados, em que os sentidos vão se construindo conforme a situação e a resposta do interlocutor, contrapalavras⁵ são formuladas, e as palavras de um indivíduo vão perpassando as palavras do outro, assim como as ideologias. É a linguagem acontecendo por meio da interação entre os sujeitos.

Se se pensa em interação, pensa-se em um *outro*, por mais que esse outro seja a mesma pessoa dialogando consigo mesma, ou um livro, como dito antes. Os enunciados nunca são manifestados a esmo, sem dirigir-se a alguém. Aí entra o conceito de alteridade. O sujeito é constituído pelo outro. Conforme Bakhtin (2010, p. 322): “Eu tomo consciência de mim e me torno eu mesmo unicamente me revelando para o outro, através do outro e com o auxílio do outro”. Essa é a consciência de que o que é dito é, na verdade, afetado pelas palavras dos outros e irá influenciar as palavras do próximo; a consciência de múltiplas vozes sociais. Quando há a tentativa de reprimir essas vozes, essas ideologias, têm-se as forças centrípetas, com o intuito de uniformizar os discursos e as ideologias.

Nesse grande diálogo, com sujeitos constituindo uns aos outros, manifestando diferentes posições avaliativas, há algo que leva os indivíduos a assumirem determinadas opiniões: o lugar de onde enunciam, a esfera da qual fazem parte. Ao enunciar de determinados locais, o sujeito se utiliza das ideologias desse lugar, é influenciado por ela. Portanto, mais uma vez o enunciado nunca é neutro, ele carrega consigo as ideologias da

⁴ Novos, entre aspas, pois apesar de cada enunciado ser único e irrepitível, é sempre uma apropriação das palavras dos outros, “não se constitui do nada” (FARACO, 2009, p. 59).

⁵ Contrapalavra não significa aqui uma resposta contrária, de negação ou refutação, mas sim uma resposta ao enunciado, podendo ser, assim como o enunciado, verbal ou não.

esfera em que o sujeito está inserido. Ao se deslocar da esfera acadêmica para a esfera familiar, por exemplo, o discurso já está “contaminado” por dizeres da academia, pela ideologia da academia, que se mistura à do ambiente familiar. Por conseguinte, da esfera familiar para a esfera acadêmica, o sujeito leva as ideologias de casa para o ambiente acadêmico, fazendo com que se misturem, influenciem-se, tornem-se outras. No caso de algumas esferas mais elaboradas, não efetivamente ligadas ao cotidiano, circulam as ideologias oficiais, mais inertes e menos flexíveis. Assim como toda a linguagem em interação, esses discursos oficiais também sofrem intervenções e são perpassados por outros. O que acontece, nesses casos, é uma tentativa de monologizar os discursos, de ir contra a alteridade, em um gesto de forças centrípetas, que regem todos ao centro, unificando os enunciados. Nessas esferas, ainda, há de forma mais visível as relações de poder entre os sujeitos. Elas ocorrem em toda situação de interação, inclusive nas do cotidiano, mas são em situações nas quais circula a ideologia oficial que essas relações ficam mais evidentes, pois há um jogo de forças para tentar uniformizar os discursos.

Na união desses conceitos, que não podem ser pensados separadamente, depreende-se que o enunciado é algo amplo, de muitas variáveis e que não pode ser fechado em categorias gramaticais – como no caso da língua-sistema. O enunciado depende de todo um contexto, de toda a situação de interação, e pensá-lo apenas como uma transmissão de mensagem ou expressão de pensamento é pensar superficialmente acerca da questão da linguagem.

Pensando nessa concepção e ancorada nos conceitos aqui apresentados, passa-se agora à análise das manchetes, visando a observar essas características da enunciação na argumentação do jornal.

3 A análise dos enunciados: a argumentação e tomada de posição do jornal

Conforme esclarecido na introdução, selecionaram-se cinco capas do Jornal de Santa Catarina – jornal da cidade de Blumenau, mas que circula na região do Vale do Itajaí, contemplando notícias de toda essa área. Fez-se uma busca pelo *site*⁶ do jornal e escolheram-se as capas que foram consideradas interessantes para análise pelas autoras. Assim, optou-se por três números do mês de junho de 2012 e dois números do mês de julho do mesmo ano. A análise realizada será das manchetes relacionadas às fotografias em destaque.

⁶ <http://www.santa.com.br>

A primeira capa é referente ao dia 26/06/2012 e trata da interdição da Prainha, no horário da noite, em virtude da reclamação de barulho. A Prainha é uma área da cidade de Blumenau às margens do rio Itajaí-Açú (rio que atravessa a cidade) e da qual fazem parte um grande restaurante, o Vapor Blumenau (embarcação que funcionava como transporte nos séculos XIX e XX e hoje, desativado, é uma das atrações turísticas da cidade), um palco (onde eram realizados *shows*), uma pista de *skate* e um grande espaço livre de gramado. A área já foi utilizada para realização de festivais musicais, mas hoje é pouco frequentada pelas pessoas, com exceção de algumas datas em que grupos independentes de pessoas promovem um evento. Em função dessa pouca movimentação, a Prainha costuma ser cenário de uso de drogas lícitas e ilícitas, e de pessoas com som automotivo em volume mais alto do que o permitido para o horário. A fiscalização também costuma ser escassa e, por isso, houve reclamações de vizinhos, acarretando no fechamento da Prainha para veículos, como se observa na capa abaixo.



Figura 1 – Capa do Jornal de Santa Catarina do dia 26/06/2012.
Fonte: Jornal de Santa Catarina

Logo na manchete percebe-se a palavra *fechada* em destaque, dando ênfase ao principal aspecto da notícia: a interdição. Abaixo dela, leem-se mais detalhes do fato, como a causa e o horário da interdição, explicando que a medida vale apenas das 22h às 6h, em contraste com a manchete principal, que, sozinha, causa a impressão de que a Prainha foi totalmente fechada para carros e motos.

Em seguida, a foto exposta apresenta alguns elementos que retomam o que já foi lido nos textos acima dela: que a entrada é proibida das 22h às 6h, na placa no centro da foto; e que a proibição é restrita à área da Prainha, na placa ao lado direito da foto. Porém, na mesma foto aparece um novo elemento que em nenhum momento foi citado, mas que se relaciona com as palavras *fechada*, *interdição* e *entrada proibida*: a polícia. A reclamação foi da

população, mas a população não tem o poder de fechar uma área pública. Entra em cena, então, a autoridade da polícia, que está relacionada à esfera política, às ideologias oficiais. No meio de diversas vozes sociais, são essas esferas elaboradas que detêm o poder de escolha de acatar, ou não, as reclamações dos moradores.

Na legenda da foto, lê-se o seguinte: *Corrente impede o acesso à área na Ponta Aguda e reacende a polêmica do fechamento de espaços públicos na cidade.* Ao se utilizar do vocábulo *polêmica*, o Jornal mostra que há uma discussão acerca desse assunto, que nem todos concordam com isso, que há um conflito de ideologias. Aqui, também, nota-se uma das características da enunciação: a palavra na língua-sistema possui significados convencionados, mas, ao ser enunciada e fazer parte da interação, passa a ter um sentido que ultrapassa os significados fechados. *Polêmica*, para essa situação, nessa cidade, para esses moradores, ganha um sentido único, pois envolve uma série de fatores particulares. Como afirma Bakhtin/Volochínov (2010, p. 109): “O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis.”

Por fim, observa-se abaixo da foto a pergunta: *Você concorda com o fechamento da Prainha à noite? Responda em www.santa.com.br.* Nessa indagação, percebe-se o diálogo com os leitores, a questão da alteridade. Ao tratar de um assunto polêmico na cidade, com diferentes opiniões, o jornal abre espaço para a voz do leitor, a fim de ver o que pensa a maioria a respeito da decisão decretada pela esfera política e posta em prática pela polícia.

Contraopondo-se a essa capa, tem-se o número do jornal do dia 28/06/2012:



Figura 2 – Capa do Jornal de Santa Catarina do dia 28/06/2012.
Fonte: Jornal de Santa Catarina

Também relacionada à insegurança e à insatisfação de moradores, a manchete do dia 28/06/2012 opõe-se à outra por não haver intervenção política e policial. Agora, são os proprietários das lojas que têm de decretar por conta própria uma saída.

Mais uma vez, a palavra principal da manchete, *segurança*, é colocada em evidência, chamando a atenção para a notícia e destacando um problema da cidade. A palavra, sem o destaque, abordaria um fato cotidiano como outro qualquer. Com o destaque, ganha um novo sentido: uma chamada de atenção para um problema que vem incomodando a cidade atualmente e cujas soluções são pouco vistas. Isso vai ao encontro das ideias de enunciado do círculo de Bakhtin:

a situação dá forma à enunciação, impondo-lhe esta ressonância em vez daquela, por exemplo a exigência ou a solicitação, a afirmação de direitos ou a prece pedindo graça, um estilo rebuscado ou simples, a segurança ou a timidez, etc. A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor. (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2010, p. 118).

No subtítulo, explicando a manchete, lê-se: *Preocupados com o aumento de furtos e roubos na movimentada Rua Antônio da Veiga, proprietários mantêm trancados os estabelecimentos comerciais.* Aqui, assim como na manchete, o sujeito da frase refere-se aos comerciantes/proprietários que tiveram de buscar alternativas para um problema não solucionado pelas autoridades. Também é interessante notar o uso da palavra *movimentada*, referindo-se à rua, o que pode subentender um sentido de falta de segurança pelo grande número de transeuntes que por ali circula, ou de que, mesmo com todo o movimento e pessoas olhando, há falta de segurança e monitoria. Como em todo enunciado, o vocábulo não foi escolhido à toa, ele expressa uma posição axiológica do falante – nesse caso, o jornal.

Na foto selecionada para a capa, observa-se o exemplo do que foi noticiado com a imagem de um aviso na porta de uma loja: *Aviso. Informamos que atenderemos com a porta fechada. A Morena Flor Boutique agradece a compreensão dos clientes. Aberto. Bata na porta.* O cartaz aparece em primeiro plano, dando ênfase ao problema do lojista e atribuindo mais um argumento, por elemento não verbal, ao enunciado. Além disso, em segundo plano, enxerga-se a presença de um homem, como que para confirmar a informação do subtítulo de que a rua é movimentada.

Finalmente, na legenda da fotografia, tem-se: *Donos de lojas e outros comércios colaram cartazes na porta para avisar aos clientes que é preciso bater para ser atendido,* reforçando o que já foi expresso pela imagem e pelos textos de cima.

Na mesma ideia da Figura 2, apresenta-se a Figura 3, capa de 29/06/2012:



Figura 3 – Capa do Jornal de Santa Catarina do dia 29/06/2012.
Fonte: Jornal de Santa Catarina

Nesse número do jornal, também se aponta um problema enfrentado atualmente na cidade, o do trânsito, e mais uma vez utiliza-se da imagem para confirmar o que é enunciado verbalmente: o caos das vias públicas. Na legenda da foto, lê-se: *Motoristas enfrentam filas e trânsito lento diariamente no trecho da Benjamin Constant, entre as ruas José Deeke e Dr. Paulo Aldinger, em horários de pico. Secretaria de Planejamento Urbano avalia a construção de uma terceira faixa.* As filas e o trânsito lento são evidenciados na fotografia, para dar maior impacto à manchete. Porém, diferentemente da Figura 2, percebe-se aqui a voz da esfera política, que já avalia uma solução ao caso.

É interessante notar, nessa capa, que a fotografia não diz respeito à manchete principal, em letras maiores e destacadas. Dessa forma, o jornal chama a atenção no mesmo espaço para duas questões que considera importantes.

Na Figura 4, observa-se um recurso visual diferente: no lugar da fotografia, traz-se uma arte com vários dizeres, de diferentes pessoas, expressando diferentes opiniões, como se pode ver abaixo:



Figura 4 – Capa do Jornal de Santa Catarina dos dias 14 e 15/07/2012.
Fonte: Jornal de Santa Catarina

Neste caso, a chamada diz respeito à notícia de um homicídio cometido por um homem em uma das ruas principais da cidade de Blumenau, a Rua 7 de Setembro. Irritado com o barulho de um grupo de jovens, o caseiro de uma residência próxima disparou tiros e

matou um dos garotos. Por conseguinte, atribuiu-se parte da culpa à polícia por não ter feito nada antes e, assim, não ter evitado o crime. O fato gerou diversas reações da população que ora defendia o caseiro pela tomada de atitude, ora reclamava da polícia, ora era contra o ato de violência, etc. O jornal, então, dá voz aos leitores e coloca na capa suas opiniões retiradas das redes sociais virtuais, as contra e as favoráveis. Dessa maneira, permanece neutro na discussão. Outro exemplo de neutralidade do jornal é a colocação das aspas na parte de cima e de baixo da imagem, atribuindo as opiniões aos leitores e enunciando, assim, que aquelas não são as ideias do veículo. Assim, deixa em aberto para o leitor tirar suas conclusões, “termina[ndo] o seu enunciado para passar a palavra ao outro ou dar lugar à sua compreensão ativamente responsiva” (BAKHTIN, 2011, p. 275), num processo dialógico.

Assim como em todas as capas anteriores, uma palavra da manchete aparece destacada, chamando atenção para a notícia e para a ideia principal. Entretanto, nesse caso há mais palavras realçadas, em virtude de o recurso de imagem ter sido feito de forma diferente, com trechos de dizeres de leitores. Observam-se, em destaque, as palavras *tolerância*, *barulho*, *omitir*, *erros*, *nada*, *baderna*, *desrespeito*, *paciência*, *crime*, *matar* e *não*. Dessa maneira, formam um mosaico do que foi o caso e atribuem sentidos à notícia.

Abaixo da manchete, vê-se a explicação: *Diante de um ato extremo* [grifo das autoras] *como o crime cometido quinta-feira, na Rua 7, uma onda de manifestações tomou as redes sociais. Juiz e PM [Polícia Militar] divergem*. Nesse trecho, é possível observar a atribuição da autoria dos comentários da imagem, vindos das redes sociais, e o caráter dúbio do episódio mesmo entre as autoridades, ao afirmarem que o juiz e a PM divergem. Contudo, é possível observar, também, uma tomada de posição do jornal, que até o momento mostrava-se neutro. Ao adjetivar o ato, dizendo que ele é *extremo*, o veículo expressa sua posição contra o crime cometido pelo homem, mas sem atribuir culpa à Polícia Militar.

Por fim, logo abaixo, vê-se novamente uma pergunta levantada pelo jornal: *A PM deve rever a conduta em casos de perturbação? Opine em www.santa.com.br*. Mais uma vez, em mais um caso que gerou muita discussão assim como na Figura 1, o veículo de comunicação abre espaço para a voz do outro, que já estava se manifestando pelas redes sociais na Internet. Assim, nota-se de novo a questão da alteridade, da consciência de que há um outro que lê, que concorda com ou discorda do que é exposto e ao mesmo tempo absorve o que é enunciado, numa perspectiva dialógica. Conforme Bakhtin (2011, p. 294):

Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos.

Nessa mesma linha, tem-se a quinta e última capa:



Figura 5 – Capa do Jornal de Santa Catarina dos dias 21 e 22/07/2012.
Fonte: Jornal de Santa Catarina

Também abordando a força das vozes sociais manifestadas pelas redes sociais virtuais, percebe-se a ideologia do cotidiano em conflito com a ideologia oficial na legenda: *Mobilização de estudantes e professores nas redes sociais impede corte de um exemplar de pau-brasil, em Indaial*. Esse é um exemplo das forças centrífugas, em que as vozes se afastam do discurso dominante e oficial, rebelam-se contra ele. Nesse caso, as vozes tiveram força e

conseguiram impedir o corte da árvore em Indaial, cidade vizinha de Blumenau. Como elucida Faraco (2009, p. 53):

a reação ao caráter infinito (centrífugo) da semiose humana será parte inerente ao jogo de poderes sociais. As vontades sociais de poder tentarão sempre estancar, por gestos centrípetos, aquele movimento: tentarão impor uma das verdades sociais (a sua) como a verdade; tentarão submeter a heterogeneidade discursiva (controlar a multidão de discursos); monologizar (dar a última palavra); tornar o signo monovalente (deter a dispersão semântica); finalizar o diálogo.

Assim, a imagem reforça esse conflito ao apresentar as máquinas paradas e a árvore, sozinha e em destaque, intacta. A intenção da esfera política era derrubar a árvore, e essa era a última palavra, até a quantidade de manifestações alcançar notoriedade e evitar o ato de autoridade proposto por forças dominantes.

Como na Figura 3, a fotografia central não se relaciona à manchete principal, numa estratégia de chamar a atenção para dois assuntos diferentes no mesmo espaço, esperando que isso atraia os leitores.

Finalmente, para amarrar as análises das cinco capas e relacionar o todo ao objetivo geral do artigo, parte-se para as considerações finais.

4 Considerações finais

Ao analisar essas capas do Jornal de Santa Catarina por meio da teoria enunciativa do círculo de Bakhtin, depreende-se que o veículo de comunicação possui uma relação de alteridade com os leitores. Apesar de haver alteridade em toda interação (um sujeito não se constitui sem o outro), pode-se manifestá-la ou não, admiti-la ou não. Nesse caso, percebe-se que há a consciência do discurso do outro, destacando as diferentes vozes sociais que atualmente ganham força com a Internet e promovendo enquetes para discutir questões polêmicas na cidade.

A esfera jornalística é extremamente dialógica, pois enuncia fatos que aconteceram em outras esferas, discutidos por diferentes vozes sociais, perpassados por diferentes ideologias, como num grande debate. Entretanto, apesar de dialogar com essas vozes, de refletir e refratar esses enunciados de diversas esferas, o discurso nunca é neutro. Há pistas nos enunciados dessas capas que conduzem a uma posição avaliativa, mesmo que pouco explícita. No caso do

Jornal de Santa Catarina, que foi analisado neste artigo, há a característica de sempre destacar em vermelho uma palavra da manchete, direcionando o foco, a importância, e expressando a posição axiológica do jornal. A argumentação, então, constrói-se com esses recursos semióticos, que revelam sentidos naquela situação específica. Além disso, há o recurso da fotografia, que, sem palavras, também ajuda a enunciar uma posição, a construir os sentidos e afirmar os argumentos do veículo. Outra ferramenta, ainda, é a adjetivação nas manchetes e nas legendas das fotos, transformando uma frase aparentemente neutra em um discurso com posicionamento.

No geral, nota-se que o jornal – nas manchetes analisadas – levanta questões das esferas do cotidiano e entra em conflito, de maneira sutil, com a ideologia oficial e dominante, ao apontar problemas sentidos na cidade de Blumenau e nas cidades vizinhas. Em todas as capas há referência ao papel das autoridades: na primeira, o poder político e a polícia que interditou uma área; na segunda, a falta de segurança e a falta de soluções para isso; na terceira, o problema do trânsito; na quarta, a conduta da Polícia Militar; na quinta, a decisão política de derrubar uma árvore que foi impedida por manifestações populares.

Assim, a concepção de enunciado como uma manifestação axiológica, que se dá na interação e é uma mistura de vozes sociais e ideologias se confirma. O jornal, embora expresse seu posicionamento e uma ideologia, não cria essas opiniões do vazio: é sempre uma resposta a outros enunciados, que se emaranham no grande fenômeno da linguagem. Como elucidam as palavras de Faraco (2009, p. 84): “o mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias; e em permanente movimento, já que a interação socioideológica é um contínuo devir.”.

Referências

BAKHTIN, M. Adendo 2. In: BAKHTIN, M. **Problemas na poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 5.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BAKHTIN, M. (V. N. Volchínov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira, com a colaboração de Lucia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

JORNAL DE SANTA CATARINA. Edições de 26.06.2012, 28.06.2012, 29.06.2012, 14 e 15.07.2012, 21 e 22.07.2012. Disponível em: <<http://www.santa.com.br>>. Acesso em: 24 jul. 2012

MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2012.

Data de recebimento: 30 de abril de 2013.

Data de aceite: 12 de julho de 2013.